

**CALIBAN NA BIBLIOTECA:
OLIVEIRA MARTINS, CIÊNCIAS SOCIAIS, CIDADANIA E
COLONIALISMO¹**

ABDOOLKARIM VAKIL
(King's College - Londres)

A Eduardo Lourenço

A Obra Martiniana apresenta-se-nos certamente como um dos labirintos em que se engendrou o imaginário português contemporâneo. A sua *História de Portugal*, primeira síntese interpretativa do devir histórico português no seu todo, constitui aí, como todos sabemos, um marco fundamental. Mas, mítico ele próprio, vê-mo-lo, assim como o país que nos deixou pela sua óptica, tanta vez abusivamente enredado em teias biográficas e perspectivado por tomadas de posição analítico-ideológicas. Assim, temos por um lado Joaquim Pedro Oliveira Martins, o Homem: o trabalhador incansável, o estadista vencido, o autodidacta pluridisciplinar e escritor ávidamente prolífico, o irmão, o filho e o marido exemplar, e a anedótica personalidade de moralidade victoriana. Por outro, a Obra: referência fundamental de subseqüentes gerações de pensadores procurando situar-se perante o autor do *Portugal Contemporâneo*. Esse mesmo peso cultural, que tão justamente lhe é atribuído, tem porém obstruído à elaboração tanto de trabalhos de base, como seja uma cronologia bibliográfica exaustiva, como de monografias mais especializadas e obras de síntese.

Resumindo um projecto de estudo mais alargado sobre Oliveira Martins, a comunicação aqui apresentada limita-se muito restritamente a lançar algumas propostas metodológicas e interpretativas com referência ao projecto da

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada ao 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas (Hamburgo, 6-11 de Setembro, 1993). O texto agora publicado muito deve às críticas e comentários de vários colegas e amigos a quem foi circulado em diferentes estados de revisão. Um agradecimento muito especial cabe às rigorosas leituras e generoso comentário de Diogo Ramada Curto, Rosa Maria Perez e João Leal.

'Biblioteca das Ciências Sociais', a que Oliveira Martins se dedicou entre 1879 e 1885.

Partindo de um insignificante episódio que Oliveira Martins presenciou e divulgou, usa-lo-ei, enquanto exercício em história cultural, para explicitar alguns dos parâmetros da ideologia martiniana que estruturou a 'Biblioteca'. Relacionando-a por sua vez com o ideário-político cultural de Oliveira Martins, proponho uma leitura mais ampla, susceptível de aproveitamento com vista a uma reinterpretação intertextual de alguns temas martinianos.

I

Quanto ao episódio, que me sugeriu o título desta comunicação, refere-se a uma singular 'demonstração' efectuada no decurso de um congresso científico. Substancialmente, o corpo deste ensaio resume-se a uma análise desse episódio por abordagens sucessivas dos campos contextuais que a determinam; começando pelo descritivo.

1 — A CENA

Sábado, dia 25 de Setembro de 1880, na Sala Grande da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Sob a Presidência do Prof. Juan Vilanova², decorria então a 7ª sessão do 9º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica. Regressados do almoço às 2h, e ainda mal recuperados de um ensaio sobre mutilações étnicas³, sem dúvida pouco conducente a uma digestão pacífica, com apenas um ligeiro intervalo constituído pela ritual oferta dum volume ao Congresso pelo seu autor⁴, seguiu-se-lhe a comunicação do Dr. Oliveira Feijão⁵, "Sobre um caso de Microcefalia

² Delegado do Governo Espanhol ao Congresso e Professor de Paleontologia no Museu de História Natural de Madrid, Juan Vilanova y Piera (5.5.1821 — 7.6.1893) mereceu a fama de 'Padre de la Prehistoria española'.

³ Émile Magitot, "Essai sur les mutilations ethniques". Tendo passado em revista as práticas de mutilação da pele, rosto, cabeça, tronco e membros e órgãos genitais, Magitot conclui pela existência de leis gerais que demonstram uma relação inversa entre tais práticas e o estado de desenvolvimento civilizacional. Tese que também O. M. defende no seu volume sobre as *Raças Humanas*.

⁴ Ernest Chantre, *Le Premier Âge du Fer dans le Bassin du Rhône, Nécropoles et Tumulus*, Lyon, 1880.

em Portugal”.⁶ Contribuição hoje merecidamente esquecida, assumia então, conforme veremos, uma importância muito específica na temática que orientava o Congresso.

Terminada a leitura, perante a assembléia dos eminentes e eruditos cientistas, congressistas e membros do público que assistiam da galeria geral, perante o trono de onde assistiram à sessão daquela mesma manhã Suas Majestades o Rei D. Luís e seu pai D. Fernando, é trazida para a sala, pela mão de sua enfermeira, a microcéfala ‘Bemvinda’⁷.

Oliveira Martins, que conforme referi, se encontrava entre os observadores, recordará numa *Notícia acerca dos trabalhos do Congresso*, o que ele descreve como “a singular impressão do aspecto, dos gestos, da mudez desse ser humano por acabar”.

Mas mais elaboradamente, refere que

as observações e notas reunidas na *Memória* lida pelo Sr. Feijão adquiriram um cunho de viva realidade quando entrou na sala a microcéfala. Um sussurro de estranha impressão circulou na assembleia, e poucos minutos depois bastaram para que um sentimento misto de repugnância e dó fizessem terminar a exibição. Era, com efeito, humilhante para o nosso instintivo orgulho ver assim, ao vivo, de pé e perante nós, o mesquinho retrato de antepassados nossos...⁸

Tomando como base a conclusão de Oliveira Martins de que “a exibição da micrócefala mostrou, viva e eloquentemente, o homem terciário”, veremos como esta cena pode ser lida, sob o título de ‘*Caliban na Biblioteca*’, como uma alegoria do projecto da ‘Biblioteca das Ciências Sociais’.

A descrição que citei encontra-se no ‘Apêndice’ que Oliveira Martins acrescentou à segunda edição do seu volume, *Elementos de Antropologia*. Este texto, por sua vez, é referido pelo autor como o “prólogo” ou “Introdução” à

⁵ Francisco Augusto de Oliveira Feijão (24.11.1850 — 11.11.1918), Professor na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde fora preparador e conservador do Museu de Anatomia, exercera em 1879 a cátedra de Anatomia Patológica.

⁶ *Congrès International D’Anthropologie et D’Archéologie Préhistoriques. Compte Rendu de la neuvième session à Lisbonne (1880)*, Lisbonne: Académie Royale des Sciences, 1884, pp. 615-622.

⁷ ‘Bemvinda’ deu entrada no hospital de Rilhafoles em 5 de Setembro de 1855. Aí faleceu de ‘catarro intestinal agudo’ a 26 de Maio de 1889. A melhor descrição clínica do caso é a de Miguel Bombarda, *Contribuição para o estudo dos microcephalos*, Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1894, pp.7-35.

⁸ J. P. Oliveira Martins, *Elementos de Antropologia (História Natural do Homem)*, Lisboa: Guimarães & C^a, 1954, pp. 231.

'Biblioteca das Ciências Sociais'.⁹ Assim, teremos de procurar o seu significado em termos de cada um desses contextos: o próprio Congresso, o projecto da Biblioteca e os *Elementos de Antropologia* e seu apêndice, respectivamente.

2 — O CONGRESSO COMO CONTEXTO POLÍTICO-CULTURAL

Um primeiro nível contextual referente ao episódio, nomeadamente o que diz respeito ao Congresso no qual ocorreu, terá que ser, ainda que esquematicamente, mencionado.¹⁰

Por um lado, há que referir que a Antropologia e a Etnologia, assim como a Arqueologia pré-histórica, ciências ainda nos seus primórdios e envoltas em controvérsias tanto metodológicas como disciplinares, contavam então uma certa popularidade entre as elites culturais, quer enquanto processo de afirmação institucional de novas elites, quer pelo estatuto eminentemente comprometido destes mesmos saberes nas polémicas político-culturais da época. O sentido do político nesses conflitos, embora susceptível de leituras estreitas, como sendo a da oposição liberais/conservadores ou a polarização em torno da questão da emancipação dos escravos, era porém complexo e interseccionado por dimensões múltiplas.¹¹

Também em Portugal uma leitura política no sentido restrito poderia ser tentada. Partindo, por exemplo, da política de prestígio real, do enquadramento

⁹ *Antropologia*, p. 20; J. P. Oliveira Martins, *O Regime das Riquezas*, Lisboa: Guimarães & Co^a, 1955, p.16.

¹⁰ Um outro plano de análise que não me proponho analisar aqui refere-se ao *status* de O. M. no campo intelectual português. Autodidacta, recém eleito sócio correspondente da Academia, a sua inscrição no rol de participantes do Congresso (Oliveira Martins, J. P., Póvoa de Varzim) destoa significativamente em termos sócio-institucionais das dos demais participantes, como também o marcam as suas ansiosas perguntas a Ramalho Ortigão acerca do traje apropriado para frequentar congressos científicos; questões estas que se articulam directamente com as traves ideológicas do pensamento martiniano que aqui nos ocupam: civilização, educação, e o saber como poder.

¹¹ Ver por exemplo George W. Stocking, Jr., *Victorian Anthropology*, New York: Free Press, 1987, cap. 6; Henrika Kuklick, *The Savage Within: The Social History of British Anthropology, 1885-1945*, Cambridge: Cambridge University Press, 1991, Cap. 2 e 3; Woodruff D. Smith, *Politics and the Sciences of Culture in Germany, 1840-1920*, New York: Oxford University Press, 1991; Peter J. Burrow, *The Invention of Progress: The Victorians and the Past*, Oxford: Basil Blackwell, 1989; Robert M. Young, *Darwin's Metaphor: Nature's Place in Victorian Culture*, Cambridge: Cambridge University Press, 1985; Adrian Desmond, *The Politics of Evolution: Morphology, Medicine and Reform in Radical London*, Chicago: University of Chicago Press, 1989.

da Academia das Ciências, e da protecção que o Congresso recebeu da Monarquia, por um lado, ou, inversamente, pelo facto da teorização ideológica da realização de Congressos, na senda do Saint-Simonismo e Positivismo, se encontrar então eminentemente definida pelo Positivismo Republicano¹², tão evidente, não esqueçamos, no ano das Comemorações Camoneanas.¹³

Numa perspectiva mais larga, um aspecto, porém, se me afigura fundamental desenvolver na medida em que nos oferece um ponto cardeal no mapa político-cultural pelo qual poderemos situar a posição de Oliveira Martins. Refiro-me a um esquema retórico empregue por Andrade Corvo no seu discurso inaugural na capacidade de Presidente do Congresso. Aproveita Andrade Corvo essa ocasião para fazer lembrar aos seus ouvintes que, não obstante o evidente progresso civilizacional, aliás provado pela arqueologia, larga parte da humanidade se encontrava ainda paralisada nas trevas, não só em partes remotas do mundo mas no próprio seio das sociedades civilizadas. Mais, lembrando que “[t]ous les hommes sont frères”, afirma Andrade Corvo que “[l]e devoir des peuples qui ont devancé les autres dans l’heureuse vie du progrès est de venir en aide, de leurs lumières et de leurs efforts, à ceux qui se trouvent arrêtés aux premiers échelons de l’immense évolution”.¹⁴ Deixando embora as implicações ideológicas desta posição para mais tarde, remete-nos esta, agora, para um outro aspecto.

Um segundo ponto da leitura do político que convém levantar passa pela ideologia do mais propriamente científico do Congresso. Por estipulação do artigo VII das regras governando a organização destas reuniões, em cada Congresso seria proposta uma série de questões para consideração especial. No Congresso de Lisboa figurava como questão 1ª: “Y a-t-il des preuves de l’existence de l’homme en Portugal pendant l’époque tertiaire?”¹⁵. Na realidade porém, a verdadeira questão em causa era mais amplamente a da própria existência do Homem Terciário.

Estabelecida a antiguidade do Homem Quaternário, mais uma vez se ameaçava fazer remontar a existência do homem na Terra a um período ainda mais longínquo e lançar mais uma acha na fogueira do debate evolucionista.¹⁶ Aliás, para aí resvalou imediatamente a discussão que se seguiu à comunicação

¹² V. os vários textos de Teófilo Braga referentes às Comemorações Camoneanas.

¹³ Se o *Barrete Frygio*, jornal republicano da época, procurou estabelecer um contraste político entre a festa popular do Tricentenário e o carácter oficial dos congressos, por seu lado a Academia Real das Ciências procedeu à distribuição das Actas da sua ‘sessão camoneana’ a todos os congressistas.

¹⁴ “Discours du Président du Congrès”, *Compte Rendu*, p. 11.

¹⁵ *Compte Rendu*, p. xi.

¹⁶ Como o próprio Oliveira Martins deixou bem claro, *Elementos*, p. 227.

de Carlos Ribeiro sobre o homem terciário em Portugal, cuja importância ficou bem demonstrada pelo número, e calibre, dos intervenientes.¹⁷ Tanto nas sessões de abertura como de encerramento, ainda, também Andrade Corvo insistiu na contribuição do Congresso de Lisboa para a resolução desta questão fundamental.

Passando então do episódio e seu contexto imediato para a sua representação e funcionalidade no texto martiniano, teremos agora que atentar para o duplo enquadramento que a constitui, nomeadamente no volume *Elementos de Antropologia*, a que é aposta em apêndice a referência a Bemvinda, e na 'Biblioteca das Ciências Sociais' em que este se insere. Logicamente, começaremos pelo contexto abrangente desta última.

3 — A 'BIBLIOTECA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS'

Sob a designação de 'Biblioteca das Ciências Sociais' lançou Oliveira Martins um ambicioso plano editorial com vista à divulgação de sínteses elaboradas a partir dos horizontes europeus do conhecimento. Inaugurada com a publicação da *História da Civilização Ibérica* em Maio de 1879, imediatamente seguida pela *História de Portugal* em Outubro, Oliveira Martins fez acompanhar aquela de um Programa e plano geral da 'Biblioteca'.¹⁸ Aí se definia o projecto como uma "*Bibliotheca* destinada a vulgarisar entre nós conhecimentos essenciaes à vida de uma nação". No duplo objectivo em que essencialmente se traduzia este ideal, a 'Biblioteca' procurava por um lado "generalisar entre as classes medias portuguezas uma ordem de conhecimentos que... se póde dizer ignorarem" e, por outro, atacar o mal pela raiz, dirigindo-se também ao ensino secundário, que a seu ver constitui o "alicerce indispensavel da solida illustração de um povo".

Pela publicação de dez dos títulos anunciados no programa, de entre os quais se destacam os já mencionados, foi Oliveira Martins cumprindo, entre 1879 e 1885, aquilo que descreveu como "o desenvolvimento gradual da nossa **construção**".¹⁹ E é precisamente este termo que remete à questão da ideologia do projecto e da proposta interpretativa aqui sugerida.

¹⁷ V. *Compte Rendu*, pp. 94-117, as opiniões de G. de Mortillet, J. Evans, Capellini, J. Vilanova, E. Cartailhac, Bellucci, Cotteau, R. Virchow, J. Delgado, P. Cazalis de Fondouce e A. de Quatrefages.

¹⁸ V. "Programa da Biblioteca das Ciências Sociais" in J. P. Oliveira Martins, *Historia da Civilização Ibérica* Lisboa: Livraria Bertrand, 1879.

¹⁹ J. P. Oliveira Martins, "Teoria da História Universal", [Introdução às *Tábuas de Cronologia*, 1884] in *Política e História*, Lisboa: Guimarães & C^a, 1957, p. 2.

Resumidamente: tanto a *História de Portugal* como a *História da Civilização Ibérica* e o *Portugal Contemporâneo*, que tanta discussão têm gerado, como cada um dos outros textos que formam a 'Biblioteca', têm geralmente sido estudados ou como textos isolados ou em termos de uma conexão lógica inferida pelo leitor. Mas para além destes, cada um dos textos foi explicitamente concebido e publicado como parte de um sistema, no contexto específico do qual radica o significado ideado pelo autor.²⁰ Trata-se assim para nós, num primeiro momento, de apreender a 'Biblioteca' como o todo que o próprio projecto propõe a partir da coesão interna que proclama e assim estabelecer o significado ideológico atribuído a cada uma das partes²¹. Podemos, com respeito a esta questão, diferenciar duas ordens de elementos a tomar em consideração: os aspectos formais e os aspectos substanciais desta construção.

(i) Com referência aos aspectos formais, destacam-se três elementos, que produzem e reforçam essa coesão interna da 'Biblioteca'.

a) Começando pelo mais elementar, o primeiro é o sistema de remissões por notas de rodapé que continuamente defere o leitor de texto para texto impondo uma circulação permeante e cumulativa do significado: tomando o volume de que nos ocupamos como exemplo, há nos *Elementos de Antropologia* 74 remissões para outros textos da 'Biblioteca' e 78 destes para os *Elementos de Antropologia*. Cada um desses outros textos, por sua vez, estabelece uma outra cadeia de referências recíprocas com os demais numa teia englobante mas restrita ao corpo da 'Biblioteca'.²²

²⁰ V. o meu "Leituras de Oliveira Martins: História, Ciências Sociais e Modernidade Económica", *Revista da Universidade de Coimbra*, no prelo.

²¹ Esta questão prende-se a uma outra com que está intimamente relacionada: insuficiente estudo das 'fontes' que Oliveira Martins utilizou na elaboração destas suas sínteses não tem permitido aos críticos distinguir nas suas análises aquilo que é específico ao autor. Comparação textual detalhada, por exemplo de certas passagens dos *Elementos de Antropologia*, com os textos de Huxley, Renan e Lubbock em que se baseiam, permite destacar aqui e ali os pequenos detalhes que Oliveira Martins adiciona às passagens que simplesmente copia ou sumaria e em que melhor se capta o 'estilo' e a ideologia martiniana; v. sobre esta última questão o meu "A luta dos titãs: Oliveira Martins, Eça de Queirós e a dinomania especulativa", em preparação.

²² As Remissões a partir dos *Elementos de Antropologia* para os outros textos da 'Biblioteca' distribuem-se da seguinte maneira:

<i>Hist. da Civ. Ibérica</i>	5
<i>Hist. de Portugal</i>	2
<i>O Brasil e as Col. Port.</i>	7
<i>Portugal Contemporâneo</i>	-
<i>As Raças Humanas...</i>	24
[<i>Linguística</i>]	1
<i>Sistema dos Mitos Rel.</i>	11

b) Temos depois as várias referências que a partir de textos individuais explicam ao leitor o posicionamento desse texto quer em relação individual com os que o precedem ou seguem no plano, quer quanto ao todo da ‘Biblioteca’.²³ Os *Elementos de Antropologia*, por exemplo, conforme já referido, constituem o seu como que Prólogo, e a *História da República Romana*, por sua vez, o “coração” ou abóbada²⁴.

c) Chegamos assim ao último dos aspectos formais, o dos planos editoriais, que no entanto (enquanto classificação) são já por si também uma proposta ideológica e, portanto, ponte para a análise dos aspectos substanciais. Quanto ao aspecto formal, os planos editoriais impõem, quer pela numeração individual dos títulos quer pela sua subdivisão titulada e enumerada, um todo ordenado e sistemático²⁵. Facto aliás deveras graficamente imediato para os

<i>Quadro das Inst. Prim.</i>	11
<i>O Regime das Riquezas</i>	11
<i>Tábuas de Cronologia</i>	2

Por sua vez, as remissões aos *Elementos de Antropologia* nesses mesmos textos da ‘Biblioteca’ distribuem-se assim:

<i>Hist. da Civ. Ibérica</i>	7
<i>Hist. de Portugal</i>	4
<i>O Brasil e as Col. Port.</i>	8
<i>Portugal Contemporâneo</i>	2
<i>As Raças Humanas...</i>	40
<i>Sistema dos Mitos Rel.</i>	2
<i>Quadro das Inst. Prim.</i>	8
<i>O Regime das Riquezas</i>	3
<i>Tábuas de Cronologia</i>	4

[O número de remissões foi sempre alterado com cada nova edição revista pelo autor; os números aqui utilizados são baseados na última edição de cada texto.]

²³ É o caso dos textos-chave: *Elementos de Antropologia* (ed. cit., pp. 20, 22-23), *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva* (5ª ed., p.261), *O Regime das Riquezas* (4ª ed., pp.16-17) e *História da República Romana* (6ª ed., p. 7 e 34). A *História da Civilização Ibérica*, *História de Portugal*, *Portugal Contemporâneo* e *O Brasil e as Colónias Portuguesas* formam uma mais estreita ordem de coerência; v. a carta de O. M. a Jesus Cardoso (datada 4.4.1883) in “Da Correspondência de Oliveira Martins”, *Ocidente*, Vol. XXII (1945), p.78.

²⁴ Esta noção de que os *Elementos de Antropologia* se definem como um ‘Prólogo’ da Biblioteca (duplamente, pela sua implicação hierárquica no esquema das ciências que a constituem) não passou despercebida aos críticos. V. a discussão da questão por Augusto Rocha na sua recensão daquele texto in *Coimbra Médica* (15.1.1881), pp. 26-27.

²⁵ Aliás apontado pelo próprio autor no texto do Programa pela afirmação de que “O índice que termina este programma apresenta os volumes coordenados por ordem sistemática”, se bem que diferente da ordem de publicação.

leitores das edições originais.²⁶ No que diz respeito aos planos propriamente ditos, as suas sucessivas versões foram-se definindo progressivamente, quanto ao detalhe, a passo com a publicação dos volumes. Contrastando o programa de 1879 com as versões que acompanharam os últimos volumes publicados poder-se-á destacar, quanto à estrutura, um contraste principal. Mantendo as suas três primeiras secções, nomeadamente, 'Pré-História', 'História' e 'Civilização Peninsular', se bem que com alteração na ordem²⁷, foram precisamente esta terceira e uma quarta secção ('Sociedades Contemporâneas', depois reintitulada 'Economia Social') as que mais alterações sofrerão²⁸. Para além de importantes factores externos que explicam o abandono do projecto da 'Biblioteca', o facto de ter sido esta quarta secção aquela que nenhum título viu publicado radica, quanto a mim, numa aporia fundamental do projecto ideológico da 'Biblioteca'.²⁹

Um último elemento formal que aponta precisamente para a própria ideologia da forma é uma referência ao artigo "Da Natureza e do lugar das Ciências Sociais", adicionada ao plano desde 1880 com a indicação 'Introdução à Biblioteca'.

(ii) Este último artigo, evidentemente pretendido como chave e justificação teórica da estrutura interna da 'Biblioteca', constitui portanto um documento fundamental para o estudo da concepção ideológica que a arquitecta, pelo que o tomaremos como foco de análise quanto aos aspectos substanciais, restringindo-nos, porém, no contexto desta comunicação, a dois aspectos apenas.

a) O primeiro refere-se à própria teoria da classificação para a qual nos remete o subtítulo com que foi publicado no *Instituto* de 1881, nomeadamente, "Ensaio de Classificação de uma das séries dos conhecimentos humanos"³⁰.

²⁶ Para além da indicação na capa, o texto de cada volume era precedido por uma página com o título "Bibliotheca das Sciencias Sociaes" e respectivo número do volume, seguido pelo plano geral da Biblioteca no reverso, e só depois a página com o título do próprio volume.

²⁷ 1879: A Pré-história, A História, A Civilização Peninsular; 1886: A Civilização Peninsular, A Pré-história, A História.

²⁸ V. 'Quadro V' no meu já cit. "Leituras de Oliveira Martins".

²⁹ Questão cuja complexidade não permite discussão aqui, prende-se por um lado à questão da ideologia de auto-consciencialização inerente à construção da Biblioteca e por outro à sua definição do 'histórico' e portanto do 'fim da história' (questão entretanto esboçada e aprofundada por mim em duas comunicações proferidas no Institute of Romance Studies, de Londres: "O Social, o Histórico e a Circulação do Sentido em Oliveira Martins", apresentada ao Colóquio Oliveira Martins, Out. 1994, e "Money, Circulation and Exchange: Communication and the End of History in Oliveira Martins", Fev. 1996).

³⁰ [O *Instituto*, Vol. XXVIII, 1880-81]. In Oliveira Martins, *Literatura e Filosofia*, Lisboa: Guimarães & Co., 1955, pp. 313-368.

Assim, ao sistema de classificação dos conhecimentos que, partindo das faculdades parcelava a realidade natural em categorias correspondentes, tinham os positivistas, segundo o texto, contrastado o método objectivo que ordena as ciências a partir da própria realidade da natureza. Oliveira Martins vai porém mais longe num passo de grande consequência ideológica. Para ele, a relação de homologia entre classificação e natureza é não apenas formal, como para os positivistas, mas inerente: ou seja, tanto as ciências como o universo que elas estudam são ordenadas pelo mesmo princípio evolutivo. Assim, conforme afirma, “a classificação das ciências traduz... o desenvolvimento da criação”³¹, mais, “é a tradução gráfica da marcha evolutiva da criação”³². Por outro lado, constituindo as ciências um todo orgânico, tradução ordenada e abstracta do próprio orgânico da natureza³³ (e sendo o plano da Biblioteca, por sua vez, tradução pedagógico-expositiva do esquema classificativo esboçado no artigo), o percurso seguido pelo leitor (ideal) na sequência da sua leitura (ordenada) dos textos da ‘Biblioteca’ consistirá portanto num verdadeiro reviver da marcha da humanidade e processo de auto-consciencialização.³⁴

Esta noção traduz uma tendência mais geral: a ‘Biblioteca das Ciências Sociais’ pode, no seu todo, ser desmontada em termos de uma série de homologias que, na verdade, se pode dizer por vezes serem ditadas talvez mais por uma atracção por simetrias simbólico-literárias do que científico-filosóficas. Um exemplo directamente pertinente é o jogo de espelhos entre espaço e tempo pelo qual uma deslocação do Mediterrâneo para a periferia equivale, em termos étnicos, a um recuo no tempo na escala evolutiva.³⁵

b) Na base desta estrutura homológica há que situar tanto um organicismo de formulação clássica, postulando uma correspondência entre microcosmo e macrocosmo, como as fórmulas pseudo-biológico-filosóficas de Haeckel. Estas, quanto ao que nos interessa aqui, resumem-se à sua teoria da recapitulação: a lei da correspondência que estabelece o paralelismo entre a ontogenia e a filogenia.³⁶ Assim como o embrião repete, ao longo do seu

³¹ “Da Natureza...”, p. 321.

³² “Da Natureza...”, p. 323.

³³ “Da Natureza...”, p. 323.

³⁴ Conforme explicitado n’*O Regime das Riquezas*, o processo seguido em cada uma das obras da ‘Biblioteca’ exprime-se pelo princípio de que “cada momento dedutivo de uma teoria corresponde a um estado positivo de uma sociedade evolutiva”, *Riquezas*, p.17.

³⁵ *As Raças Humanas*, Vol. I, p. 68.

³⁶ V. Ernst Haeckel, *The History of Creation*, London: Henry S. King & Co., 1876, Vol. I, Cap. XII e Vol. II, p. 352 e ss. V. a discussão crítica da questão em Stephen J. Gould, *Ontogeny and Phylogeny*, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1977; Peter J. Bowler, *The Non-Darwinian Revolution: Reinterpreting a Historical Myth* e Robert J. Richards, *The Meaning*

existência do Homem Terciário - que se prende o significado de Bemvinda, quer no Congresso quer no texto martiniano.

De forma a contextualizar a questão, convém começar por referir uma posição sobre microcefalia contrastante com a de Oliveira Martins. Durante o próprio Congresso, Rudolph Virchow, em intervenção na discussão que se seguiu à já referida comunicação de Oliveira Feijão, apontou que o microcefalismo importa à pré-história unicamente em termos da questão de constituir ou não um testemunho atávico, o que ele negou terminantemente³⁹. Nem era esta, aliás, a primeira vez que a questão se punha e era rebatida na série destes congressos⁴⁰.

Em termos da contextualização da questão do Homem Terciário convém ainda notar que na sua discussão da Antropologia na *Galeria de Ciências Contemporâneas*, publicada um ano antes do livro de Oliveira Martins, J. M. da Cunha Seixas ridiculariza a ideia de um “ser intermediário entre os anthropoides e o homem!” fazendo referência explícita ao facto de que “esta hypothese, para a qual os factos não dão o mais mínimo elemento, chega a tomar ares de ciência”, por exemplo “em Vogt, que invoca os microcephalos e os Azteques...”⁴¹.

³⁹ Para Virchow, fundador da patologia como ciência moderna, e juntamente com Bastian a personalidade de maior eminência no campo académico-institucional da Antropologia e Pré-História alemã, a microcefalia representava, conforme arguiu ao Congresso, “un phénomène pathologique pure” (*Compte Rendu*, p. 623). Assim, com base num estudo comparativo dos crânios e cérebros de símios e microcéfalos, que resumidamente descreveu ao Congresso, contrapôs à opinião expressa por Oliveira Feijão a conclusão de que “il faut renoncer pour l’avenir à la théorie de la nature atavistique de la microcéphalie.” (*Id.*, p. 627). Sobre a relação entre a actividade científica de Virchow e a promoção do liberalismo no contexto político alemão v. Smith, *Politics and the Sciences of Culture...*, pp. 51-54 e 100-111.

⁴⁰ No seu “Découvertes archéologiques préhistoriques faites en Espagne” apresentado ao 4º Congresso em Copenhague (*Congrès International d’Anthropologie et d’Archéologie Préhistorique. Compte-Rendu de la 4^e Session (1869)*, Copenhague: Imprimerie de Thiele, 1875), o mesmo Juan Vilanova, que presidiu à já referida sessão em Lisboa, concluiu o dito relatório com uma referência a “un cas de microcéphalie fort remarquable” (p.234) sem indicação qualquer da sua relevância com a questão, tarefa assumida na discussão imediata por Carl Vogt insistindo que “le cas de microcéphalie ne sont que des cas d’atavisme (pp. 235-66). Quatrafages não só respondeu contestando a questão do atavismo por uma explicação de base patológica, como concluiu ridicularizando a leitura do passado pré-histórico pela evidência teratológica do presente (pp. 236-40).

⁴¹ Cunha Seixas, *Galeria de Ciências Contemporâneas*, Porto: Ernesto Chardron, 1879, p. 34. Igual é a opinião de Paul Topinard, *L’Anthropologie* (cap.V), que O. M. cita na *Bibl. de Antropologia*. (Os ‘Azteques’, diga-se de passagem, era o nome, em versão exótica, com que eram revestidos os microcéfalos para efeitos de atração feirante.) A prática de exposição de microcéfalos, e a ambiguidade ou mesmo inexistência de demarcação clara entre a curiosidade científica e a curiosidade popular que atraíam, ressaltam claramente do estudo de Robert Bogdan,

processo de desenvolvimento, o próprio percurso da evolução da espécie em ritmo acelerado, o ciclo de vida do indivíduo repete o processo evolucionário da espécie/raça. Numa adaptação, aliás conforme com as propostas de Haeckel e em coerência com o esquema classificativo delineado, Oliveira Martins elaborou assim uma série de correlações entre etnias e estados civilizacionais, raças e capacidades físicas, morais e mentais. Num período em que o documento fóssil revelava ainda grandes lacunas, o paralelismo foi facilmente traduzido de analogia em metodologia inferencial.³⁷

Uma consequência lógica desta orientação, que de facto domina, metodológica e ideologicamente, o volume *Elementos de Antropologia* é então o recurso à chamada teratologia para completar a cadeia evolutiva. De uma postulada relação de equivalência, por meio de inferência ilustrativa, resulta assim uma forma de validação científica da especulação evolucionista. Cria-se assim um círculo vicioso de identificação equivalente entre, como veremos, a microcefalia, os cretinos e surdos-mudos, os estados ínfimos da população e as raças entre os antropóides e o humano (nos dois sentidos de ‘povos primitivos’ e de homem primitivo), o homem terciário, o homem de transição. Em suma, eis Bemvinda; eis o ‘missing link’.³⁸

II

4 — OS ELEMENTOS DE ANTROPOLOGIA E O SEU ‘APÊNDICE’

Estamos agora em melhor posição para analisar o significado de Bemvinda na Biblioteca: na Biblioteca da Academia das Ciências (no Congresso de Antropologia) e na ‘Biblioteca das Ciências Sociais’ de Oliveira Martins. A sua presença, como veremos, funciona analogamente nos dois contextos: enquanto prova histórica, corpo mobilizado para preencher uma lacuna no conhecimento científico do passado, e enquanto mutismo, como espaço de inscrição do saber.

Conforme referido, a questão fundamental por que se definiu o Congresso de Antropologia em Lisboa foi a polémica da existência do Homem Terciário. É portanto a esta questão — nada mais nada menos do que a prova da

of Evolution: The Morphological Construction and Ideological Reconstruction of Darwin's Theory, Chicago: University of Chicago Press, 1992.

³⁷ Aliás, princípio metodológico formalmente equivalente e as mais das vezes complementar do chamado “método comparativo” praticado por Sir John Lubbock, Edward B. Tylor e Daniel Wilson nas obras citadas por Oliveira Martins na Bibliografia da *Antropologia*.

³⁸ *Elementos*, p. 233.

Para Oliveira Martins, pelo contrário, esta correspondência constitui mesmo, como aliás já aponte, um dos eixos ideológicos estruturantes da 'Biblioteca' em geral⁴². Nos *Elementos de Antropologia*, onde tal correspondência é reiterada pelo menos seis vezes, ela recebe uma formulação específica, na medida em que, "para o antropólogo, valem da mesma forma, i.e., como documento de uma idade remota, os monstros humanos e os monstros colectivos — os surdos-mudos, os cretinos, os microcéfalos e as sociedades de selvagens"⁴³.

Ora, notemos que Oliveira Martins incluiu esta "Notícia acerca dos trabalhos do Congresso de Antropologia" em Apêndice aos *Elementos de Antropologia*, como ilustração e fundamento desse seu livro. Assim, cada um dos relatórios que resume é acompanhado de notas de rodapé que remetem o leitor (em 27 notas) ao corpo desse texto e (oito vezes) a outros volumes da 'Biblioteca'.

Na estrutura interna do texto, os microcéfalos figuram como representantes actuais do pitecantropo, constituindo portanto *prova* do homem de transição⁴⁴: o Homem Terciário que Oliveira Martins designa por 'Caliban'⁴⁵. Em conclusão, para Oliveira Martins portanto, "Bemvinda é pois um exemplar do pitecantropo áfalo de Hæckel... [d]o homem terciário... porque os primeiros crânios... denotam uma capacidade intelectual inferior à das ínfimas raças vivas: austrálios, pápuas, busquímanos"⁴⁶.

"The exhibition of people we now call mentally retarded", no seu livro *Freak Show: Presenting Human Oddities for Amusement and Profit*, Chicago and London: Chicago University Press, 1988, pp. 119-146. Como exemplos dos pareceres de alguns dos mais conceituados cientistas da época sobre os 'Aztecas', v. Juan Comas, *Dos Microcéfalos 'Aztecas': Leyenda, História y Antropología*, Mexico: Instituto de Investigaciones Historicas, 1968. Por outro lado, Miguel Bombarda, em cuja tese (*Dos Hemisferios Cerebraes e suas funções psiquicas*, Lisboa, 1877) O. M. fundamentou a sua discussão de 'Bemvinda', explicitamente afirma a comparação da microcéfala a um 'quadrumano'. Só mais tarde Bombarda viria a refinar (*Microcephalia*, Lisboa, 1892) e finalmente rejeitar (*Contribuição, op. cit.*, 1894) a tese do atavismo.

⁴² Por exemplo, *Raças*, Vol. I, pp. 57-59, 62; *Mitos*, pp. 21, 23, 26-7, 49; *Mitos*, pp. 14-15.

⁴³ *Antropologia*, p. 20 (reiterada pp. 67, 68, 92, 95, 102, 186 e Apêndice II).

⁴⁴ V. sobre a questão do pitecantropo-áfalo, John Reader, *Missing Links*, Harmondsworth: Penguin Books, 1988, pp. 35-36 e "Hæckel's Hero" in Misa Landau, *Narratives of Human Evolution*, New Haven: Yale University Press, 1991, pp. 31-38.

⁴⁵ *Antropologia*, "Livro Terceiro" e pp. 106, 107, 108, 120, 121, 122, 123, 127 e 146. Aliás, na senda de Daniel Wilson, *Caliban: The Missing Link*, London: MacMillan, 1873, pp. 21, 23, 79, 91 (O. M. cita o *Pre-historic Man* de Wilson na edição de 1872 e é possível que tivesse conhecimento do título deste outro volume); ao contrário de Martins, porém, se Wilson designa por Caliban o 'homem de transição', recusa-se a ampliar o termo aos 'selvagens modernos'.

⁴⁶ *Antropologia*, p. 233.

III

A certo ponto, ainda da Introdução aos *Elementos de Antropologia*, Oliveira Martins afirma a importância do método teratológico por recurso à seguinte imagem:

A terra esconde nas suas entranhas abundantes documentos de uma história incógnita; mas se já, nos arquivos e bibliotecas, os códices roídos, quase indecifráveis, desafiam o talento do historiador que com esses *disjecta membra* de seres extintos, com esses **mudos** restos de sociedades outrora agitadas, tem de construir na sua unidade a imagem do corpo que desapareceu da realidade — as bibliotecas e arquivos da antropologia estão mais dispersos, mais indecifráveis, mais **mudos** ainda do que os de todas as sociedades históricas [...] à maneira dos bárbaros copistas dos mosteiros da Idade Média, também a natureza foi sucessivamente escrevendo os textos das suas histórias sobre o mesmo pergaminho dos terrenos primitivos; e o arqueólogo antropologista também tem de decifrar as anteriores escrituras do livro do mundo, que é um palimpsesto...⁴⁷

Mais uma vez, vemos a sua afeição pelo simbolismo das homologias e mais uma vez também o deslize ideológico por que se traduz em metodologia. Procuraremos aqui delinear duas vertentes da tradução prática deste método teratológico-homológico. Primeiro, pela imagem da ciência que fala sobre a microcéfala, inscrevendo o seu corpo pelo saber, dando-lhe sentido. Em seguida, a partir da afirmação de Oliveira Martins de que “as explorações de África, apenas hoje iniciadas, virão, porventura se não com certeza, preencher a lacuna aberta pela **mudez** dos terrenos plioceno-inferiores da Europa”⁴⁸ (ou seja de que o espaço distante, a África, ilustrará o passado remoto, o Período Terciário).

Se, conforme afirmamos se tratava num primeiro momento de reconstruir a ideologia interna da estrutura da ‘Biblioteca das Ciências Sociais’ conforme ela se propõe, trata-se agora, num segundo passo, de proceder à sua desconstrução, processo que proponho levar a efeito a partir do significado de Bemvinda na Biblioteca. Atendendo à polissemia de ‘Caliban’ (homem terciário: Bemvinda: surdos-mudos: cretinos e toda uma cadeia de circularidade de equivalência que se reduz, afinal, aos ‘outros’ da civilização), poderemos agora explorar a identificação de Caliban em Oliveira Martins em cada uma das duas principais vertentes em que tal relação de equivalência se traduz

⁴⁷ *Antropologia*, p. 22.

⁴⁸ *Antropologia*, p. 111.

ideologicamente na ‘Biblioteca’, nomeadamente: como selvagem interno, o Povo, e como selvagem externo, os ‘povos primitivos’.

5.1 — CALIBAN SELVAGEM INTERNO: O POVO — A BIBLIOTECA E O PROJECTO MARTINIANO DE CIDADANIA

Por ser o texto que, contemporâneo à publicação dos últimos volumes da Biblioteca, mais directamente explicita a intencionalidade política de Oliveira Martins, vou aqui ilustrar esta primeira vertente a partir de algumas referências à colecção de artigos que Martins publicou como *Política e Economia Nacional* e que serviu como manifesto do movimento da ‘Vida Nova’.

Neste volume, após ter equacionado a capacidade política (ou aliás a falta dela) das ‘populações serranas’ e das ‘classes miseráveis das nossas cidades’ com a dos turcos e cafres, é com respeito aos Poveiros que a atitude de Oliveira Martins mais claramente se revela. Reforçando o jogo de identificações que temos estado a apontar, Martins começa por designar os Poveiros como “um resto de gente pré-histórica”⁴⁹. Mas por muito retórica que seja esta construção⁵⁰, montada com vista a favorecer a causa dos requerentes, acaba afinal por redundar num processo homólogo ao de Bemvinda na Biblioteca.

Oliveira Martins pergunta “Que diriam esses milhares de subditos vossos, se porventura os vossos governos tivessem feito o necessário para lhes permitir **fallarem**, extrahindo-se do estado selvagem em que vivem?”⁵¹. Depois, contrastando estes selvagens, cometidos ao “jogo heróico da pesca”, com os civilizados, vivendo do “jogo ignobil da banca”, Martins proclama “Eu,

⁴⁹ “Requerimento dos Poveiros” in *Política e Economia Nacional*, Porto: Magalhães & Moniz Editores, 1885, p. 193.

⁵⁰ E lembremo-nos que, por muito retórica que seja esta construção, o facto é que é também em sentido puramente literal perfeitamente conforme com a doutrina defendida na Biblioteca segundo a qual “numa sociedade por culta que seja, observa-se a série de todos os estados etnométricos precedentes: daí vem o subsistirem massas de população num estado primitivo”. (*Sistema dos Mitos Religiosos*, 4ª ed., pp. 26-27). Que Oliveira Martins entende esta noção do selvagem interno às sociedades civilizadas num sentido literal verifica-se (além de noutras passagens: *As Raças...*, Vol. I, pp. 58-9, Vol. II, p. 167 e “Resposta do Autor às censuras dos críticos”, *Id.*, p. 273) ainda na descrição dos miseráveis de Whitechapel que nos deixou da sua viagem a Londres em 1892 (n^o *A Inglaterra de Hoje*, Lisboa: Guimarães & Co^a, 1951, p. 221). Sobre a tradição desta oposição dos selvagens no seio da civilização londrina, v. Christopher Herbert, “Mayhew’s Cockney Polynesia” in *Culture and Anomie*, Chicago: Chicago University Press, 1991, pp. 204-252, John Laffey, *Civilization and its Discontented*, Montreal: Black Rose Books, 1993, pp. 62-70 e D. R. Olroyd, *Darwinian Impacts*, Milton Keynes: Open University Press, 1983, cap. 21. V. mais geralmente sobre a questão Daniel Pick, *Faces of Degeneration: A European Disorder, c.1848-c.1918*, Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

⁵¹ *Pol. e Econ. Nacional*, p. 196.

Senhor, prefiro o selvagem; **por elle fallo**”, acrescentando ainda, “**Pela minha bocca, Senhor, fallam** 8000 subditos selvagens do vosso reino”⁵².

E chegamos assim à questão fundamental do conceito de ‘povo’ em Oliveira Martins. É também nesta mesma obra que ele mais directamente o explicita. Referindo-se à definição proposta por António de Serpa Pimentel de que o povo “não é a multidão”, mas sim, diria quase pelo contrário, “a nação *organizada* em famílias, em communas, e em districtos ou provincias”⁵³, Oliveira Martins afirma estar inteiramente de acordo pois foi esta a base sobre a qual elaborou a sua teoria da representação no opúsculo *As Eleições*, de 1878.

Já aí a questão tinha sido posta em termos da possibilidade de a urna ‘falar’, de dar expressão à voz do povo⁵⁴. E o critério fundamental para o povo falar era a soberania concreta predicada na cultura. Para a elaboração de um sistema verdadeiramente representativo, afirma o autor, “em nosso entender, a necessidade que precede a todas é sabermos verdadeiramente quem e como somos, o que pensamos, o que queremos”⁵⁵. É fundamental imbuir o corpo da nação com uma ideia, sentimento, religião colectiva ou espírito cívico. Ora, esta consciência de si, que é imperativo que a sociedade tenha para que exista enquanto nação, é precisamente a razão de ser do projecto da ‘Biblioteca’.

Como também disse no *Portugal Contemporâneo*, “um povo constituído em nação é como um abecedário: todas as letras lhe são necessárias para escrever o que pensa. E como em Portugal faltam letras, os escritos portugueses não se entendem”, dividida a população pelos seus interesses, “nenhum sente palpitar em si a alma da nação”⁵⁶.

Após a exposição do programa da Vida Nova (no Prefácio de *Política e Economia Nacional*), refere-se-lhe Oliveira Martins dizendo que “acompanhado por uma organização prática e sensata do ensino — especialmente do secundario que é o mais importante n’uma democracia... poderia, parece-me, insufflar no corpo cachetico da sociedade portugueza um alento de vida e preparal-a para novas campanhas **dando-lhe consciencia de si propria** e sentimento da sua força”⁵⁷.

Conforme a definição de Nação que Oliveira Martins apresenta nesse mesmo texto — “Nação — é aquelle gremio de homens que adquiriu cohesão organica, tradições, habitos e vontade ou consciencia commum, quer na sua constituição os fundadores tivessem, quer não tivessem affinidade ethnica, e

⁵² *Id.*, p. 198.

⁵³ *Id.*, p. 48.

⁵⁴ “As Eleições” in *Política e História I*, Lisboa: Guimarães & Co^a, 1957, p. 281.

⁵⁵ “As Eleições”..., p. 316.

⁵⁶ *Portugal Contemporâneo*, Vol. II, Lisboa: Guimarães & Co^a, 1986, p. 331.

⁵⁷ “Advertência” [1885] in *Pol. e Econ. Nacional*, p. xxii.

quer até ocupassem ou não ocupassem um local adequado”⁵⁸ — vemos assim o projecto da ‘Biblioteca’ como essa tentativa de criar uma consciência de si própria que pela coesão cria a Nação.

Numa palavra, “inspirar com a ciência [poderíamos nós dizer, mais precisamente, com as ciências sociais] a democracia”, eis aí o pensamento de Oliveira Martins:

Honra a quem melhor souber ensinar a virtude, distribuir a ciência e a riqueza, entre um povo infeliz, digno de melhor sorte. Tratai dele e vê-lo-eis crescer e medrar — até ao dia em que dispense a tutela historicamente indispensável de classes privilegiadas... Então a democracia será uma verdade e não uma ficção.⁵⁹

Mas apocalipticamente, e penso que exprimindo mais o prospecto da barbaridade que Oliveira Martins temia do que uma tentativa retórica de inspirar mudança por uma representação terrífica do povo, avisa:

Mas ai dos que não tiverem olhos para ver! Porque a marcha dos tempos, o andar das coisas não param; e se em vez de educar, seguirem destruindo; se em vez de proteger explorarem o povo as classes que agora o dirigem, a democracia nem por isso deixará de vir. Mas virá com um brandão incendiário, um grito de guerra, uma foice, um chuço, um machado, vingar-se de quem não soube cumprir o seu dever.⁶⁰

Imagem, aliás, que retoma mais uma vez no ano de 1885, ao avisar novamente que,

Shakespeare também cantou a *Tempestade*, pondo ao lado de Oberon e Titânia, **Caliban — o povo**, deprimido por tanto cinismo, dolorido por tamanha desfaçatez; o povo cujos olhos fosforecem e que também ronrona, sem ainda desembainhar as unhas.

Cuidado, porém! A maré enche... Cuidado com o preamar!... Quando vier, se chegar a vir, serão marés vivas, marés de equinócio... Darão água pela barba!⁶¹

No contexto mais geral da evolução descrita pela ‘Biblioteca’, traduz-se esta mesma linha nos seguintes termos:

⁵⁸ *Pol. e Econ. Nacional*, pp. 18-19.

⁵⁹ *Portugal Contemporâneo*, Vol. I, Lisboa: Guimarães & Co^a, 1976, p. 29.

⁶⁰ *Portugal Contemporâneo*, Vol. I, p. 29.

⁶¹ “De Noite Todos Os Gatos São Pardos” (6.6.1885), in J. P. Oliveira Martins, *A Província*, Vol. I, Lisboa: Guimarães & C^a, 1958, p. 23.

Ou terminada a grande obra da conquista do mundo o ariano achará em si a força para constituir a ordem na democracia, ou a civilização ariana universalmente vencedora tombará por terra amesquinhada, acaso destruída, não por bárbaros de fora, mas pelos bárbaros que toda a civilização tem em si — o vasto exército das plebes miseráveis!⁶²

5.2 — CALIBAN SELVAGEM EXTERNO: A CIVILIZAÇÃO ARIANA E O COLONIALISMO

Como já referi, Oliveira Martins estabelece uma identificação entre as raças denominadas inferiores e estados transactos da evolução. Assim, o triunfo ariano constitui a própria essência do processo evolutivo e, portanto, o fio da História bem como a sua progressiva universalização guiada pela “lei zoológica da selecção”:

O movimento de expansão e propagação dos *arioi* começado há séculos... dura ainda: só concluirá... quando, europeizado o mundo inteiro, a história chegar ao seu termo: só quando diante da face dos brancos tiverem beijado a terra nos seus sepulcros as faces coloridas dos homens não arianos.⁶³

Por razões de espaço, nos limites desta comunicação, terei que me restringir a levantar apenas um aspecto desta segunda vertente, o da sua contribuição para a formação da mentalidade colonialista no Portugal de fins do séc. XIX.

Muito esquematicamente podemos destacar duas correntes que contribuíram, embora por impulsos contrários, para esta formação. Por um lado, numa linha que se vinha desenvolvendo, primeiramente numa concepção iluminista, patente em Garrett e no *Mário* de António da Silva Gaió⁶⁴, e depois numa concepção científico-paternalista, do derramar de luz sobre as trevas, da qual a já citada formulação de Andrade Corvo no discurso inaugural do Congresso de Antropologia é bem significativa.⁶⁵ Desta, desabrochará a ideologia colonialista do ‘fardo do homem branco’.

⁶² “Teoria da História Universal”, p. 38.

⁶³ *As Raças Humanas*, Vol. I, p. 194; *Id.*, p. 39.

⁶⁴ V. a relação estabelecida entre Mário e Thadeu e o simbolismo iluminista da educação do Povo que aqui estamos lendo inversamente, António Silva Gayo, *Mário. Episódios das Guerras Civis Portuguesas de 1820 a 1834*, Vol. I, cap. XIV e Vol. II, Epílogo.

⁶⁵ Não será irrelevante lembrar com respeito a esta questão que Andrade Corvo exerceu o cargo de Ministro da Marinha e Ultramar entre 1875 e 1877 (Ministério Regenerador de Fontes), tendo como uma das suas preocupações principais a abolição da escravatura nas colónias.

Em contraste com esta defesa de uma missão civilizadora destaca-se, numa outra linha, a afirmação de um implacável conflito ‘darwiniano’, em que claramente se situa o nosso autor, contribuindo assim, bem que diversamente, para a formação de uma mentalidade colonialista portuguesa⁶⁶.

Em fórmulas então correntes, estabelece Oliveira Martins a identificação entre raças negras, monglóides e antropóides por um lado e o ser pré-histórico por outro. Atacando as quimeras dos “apóstolos negrófilos”, conclui que “a ideia da educação dos negros é, portanto, absurda não só perante a história, como perante a capacidade mental dessas raças inferiores”⁶⁷. A consequência lógica deste argumento exprime-se por exemplo na afirmação de que “como nunca nos estabelecemos no Cabo, foi aos holandeses que coube o **dever** de os expulsar dessa zona adequada para a vida de uma raça superior”⁶⁸.

Em conclusão, como já foi dito de Caliban, este representa no imaginário “an opposing force, the ‘other’ onto whom the dominant culture projects its fears of disorder”⁶⁹. Se, conforme creio, a Biblioteca das Ciências Sociais traduz um ideário de política cultural que poderemos designar de cidadania, não é com grande surpresa que vemos excluídos da Biblioteca precisamente o Povo, o selvagem interno e os povos ‘selvagens’ por sobre os quais a própria Biblioteca é construída⁷⁰. Esta é, afinal, a própria Civilização ameaçada, entre os ‘bárbaros de dentro’ e os ‘bárbaros de fora’: a Ciência, estratégia e legitimação para a assimilação dos primeiros e destruição dos segundos.

⁶⁶ Como tão bem viu Victor de Sá, *Esboço Histórico das Ciências Sociais em Portugal*, Lisboa: (Biblioteca Breve) ICP/MEC, 1978, pp. 66-7.

⁶⁷ *O Brasil e as Colónias Portuguesas*, Lisboa: Guimarães & Co^a, 1978, p. 255; cf. Haeckel, *History of Creation*, pp. 362-366.

⁶⁸ *As Raças Humanas*, Vol. I, p. 163.

⁶⁹ Aldan T. Vaughan and Virginia Mason Vaughan, *Shakespeare’s Caliban: A Cultural History*, Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. xv. Uma muito sugestiva análise crítica do tema do “missing link” na cultura vitoriana foi elaborada por Gillian Beer, que vê na popularidade do tema a relação de fascínio e repugnância que com ele mantinham os vitorianos, afinal expressão da ansiedade que assumia a questão de conexões entre raças, classes e sexos; v. *Forging the Missing Link: Interdisciplinary stories* (Inaugural Lecture delivered 18 November 1991), Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

⁷⁰ Afigura-se-me sugestivo lembrar aqui a maneira como Jean Guéhenno adaptou, numa identificação pessoal inspirada no seu mestre Renan, como grito de guerra, a causa de Caliban, do homem massa, no seu esforço para se divinizar pela cultura, ou mais realisticamente, para ingressar na burguesia (V. Jean Guéhenno, *Caliban Parle*, Paris: Grasset, 1928 e Ernest Renan, *Caliban. Suite de La Tempête*, Paris: Calmann Levy, 1878). Podemos traduzir o projecto de Guéhenno pela imagem de Caliban tentando ganhar acesso à Biblioteca, tanto mais que foi precisamente em Guéhenno que Sartre moldou a personagem do autodidacta que Roquentin conhece na Biblioteca em *La Nausée* (V. *Nausea*, Harmondsworth: Penguin Books, 1963, p.174).